

TESSITURA DO CURRÍCULO NO OLHAR PRESCRITO E VIVIDO: OLHARES DE ESTUDANTES DE GEOGRAFIA

Denize Tomaz de Aquino

Professora Assistente Universidade de Pernambuco-UPE\ Campus Garanhuns

Mestre em Geografia pela UFPE

Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente

- GIRSFEMA (pesquisadora) denizeaquino@yahoo.com.br

Vera Lucia Chalegre de Freitas

Profª. Drª. Adjunto da Universidade de Pernambuco-UPE -Campus Garanhuns

Pós-Doutora em Educação pela UFPel; Doutora em Educação pela UFRN

Grupo Interdisciplinar de Representações Sociais e Formação em Educação e Meio Ambiente

- GIRSFEMA (líder);_Grupo de Pesquisa Formação Docente (pesquisadora) vera.chalegre@upe.br

RESUMO: Este texto objetiva encetar uma tessitura do currículo do ponto de vista prescrito e vivido. Assim, ele apresenta como questão norteadora: em que medida conhecer as concepções de currículo dos estudantes de geografia contribui para o processo de formação de vida pessoal e profissional? Participaram da pesquisa 25 discentes, de ambos os sexos, com média de idade de 24 anos, do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade de Pernambuco-Garanhuns. Usamos a pesquisa associativa, com técnica de associação livre de palavras, para o tema indutor “Currículo. As análises dos participantes da pesquisa nos mostram duas abordagens de significantes. Uma delas diz respeito à formação para o exercício da docência, percebida pelas evocações: aprendizado, identificação, trajetória, experiência, conhecimento, interdisciplinaridade, sistema e histórico. A outra abordagem se refere a formação profissional, com fins de trabalho, com as evocações: conteúdo, disciplina, estabilidade, dinheiro, capacidade, sacrifício, trabalho, qualificação, formação profissional, emprego e oportunidade. Conclui-se, portanto, que o entendimento de currículo encontra-se voltado mais para a perspectiva do vivido nas duas abordagens (formação do exercício da docência e formação para um futuro profissional). Os dados sugerem que o currículo prescrito e o vivido seja bastante dialogado na instituição do ensino superior e nas escolas, buscando a tessitura de currículo prescrito e vivido. Reconhecemos a necessidade de um maior diálogo com as escolas, tecendo uma formação em que universidades e escolas se aproximem na busca comum de conhecimentos/saberes mais elaborados e compartilhados nas dimensões: políticas, ecossociais, econômicas, culturais e de existência de vida pessoal e profissional.

Palavras Chave: Currículo, geografia, aprendizagem, formação.

INTRODUÇÃO

Estamos vivenciando várias mudanças na educação nacional em que já se evidencia o novo modelo de ensino na escola básica. Nesse sentido, não podemos deixar de trazer para a academia esses debates que afetam o processo de formação de nossos futuros professores. Sabemos que tais mudanças ocorridas no cenário contemporâneo da educação em rede

nacional são marcadas por profundas transformações sociais, econômicas, e culturais, que, remetem a discussões sobre as demandas profissionais para essa nova realidade social.

Assim, importante se faz pensarmos a formação como um dos elementos do currículo que é uma representação de um curso, dos sujeitos que os implantaram por suas várias razões e que constitui sua representação no âmbito de cada unidade acadêmica.

Pensar o currículo como um objeto de representação e poder é pensar um currículo prescrito que, em sua formulação, congrega forças externas que se caracterizam como uma abordagem estrutural e que levam em consideração o conjunto de disciplinas com determinada hegemonia.

Essa forma de pensar o currículo se contrapõe ao currículo pensado sobre as vivências do cotidiano que de acordo com Macedo, Oliveira, Manhães & Alves (2011), “Infelizmente, boa parte de nossas propostas curriculares tem sido incapaz de incorporar essas experiências pretendendo pairar acima da atividade prática diária dos sujeitos que constituem a escola” (MACEDO *et al.*, 2011, p. 41).

É preciso ter a preocupação com os espaços do cotidiano da escola. Isso porque, muitas vezes, esses espaços são ignorados pelos(as) professores(as) a exemplo do pátio da cantina os locais de reunião dos estudantes, entre outros. São nesses espaços que nos encontramos com novas ideias e percebemos experiências alternativas para ressignificar o ensino, a maneira de pensar e agir na sala de aula e que é nessa experiência que vivenciamos nossa profissão.

Deslocar as ideias nos espaços tradicionais das escolas, consideradas pelos professores como espaços comuns, fazem parte do cotidiano da escola. E ainda, “quanto maior as possibilidade abertas pelo currículo formal para dar conta dessa multiplicidade, mais ele estará inserido no cotidiano da experiência escolar” (MACEDO *et al.*, 2011, p.49). De acordo com o referido autor:

É preciso compreender, assim, que, no currículo tecido em cada escola concreta, vamos encontrar em movimento, sendo traçados\destrançados\trançados de outra forma, múltiplos conhecimentos, o tempo todo e em todos os espaços (na sala de aula, nos corredores, na sala do cafezinho dos professores, no pátio de recreio, na biblioteca, na cozinha, no portão):[...] (MACEDO *et al.*, 2011, p. 19).

Assim este texto tem por objetivo encetar uma discussão quanto às abordagens do currículo, visto pelo olhar do currículo prescrito e o currículo praticado, com fins de perceber que contribuições essas abordagens poderiam dar para o currículo do curso de geografia,

partindo de questionamentos direcionados às concepções de estudantes de licenciatura no referido curso.

Assim, levantamos como questão norteadora: Em que medida conhecer as concepções de currículo dos estudantes de geografia contribui para o processo de formação de vida pessoal e profissional?

METODOLOGIA

Para este estudo adotamos para a coleta dos dados; a técnica associação livre de palavras, pesquisa associativa de ideias, desenvolvida por Abric (1998), mas adaptado para a finalidade desta pesquisa.

O tema do estudo foi “currículo”. Solicitamos aos estudantes participantes que listassem cinco palavras que lhes viessem à mente, relacionadas ao tema do estudo. Em seguida, os participantes justificaram suas evocações. Após essa etapa, eles escolheram uma palavra das cinco listadas que julgaram ser mais importante e justificaram o porquê de terem escolhido essa palavra. Dessa evocação, registramos o significante e das falas buscamos a abordagem interpretativa.

Minayo (2004) nos diz que na pesquisa de interpretação dos fenômenos e atribuição dos significados encontra-se em destaque o olhar do pesquisador e dos pesquisados. Nessa erudição, destaca a autora:

[...] nenhuma pesquisa é neutra seja ela qualitativa ou quantitativa. Pelo contrário, qualquer estudo da realidade, por mais objetivo que possa parecer, por mais “ingênuo” ou “simples” nas pretensões, tem a norteá-los um arcabouço teórico que informa a escolha do objeto, todos os passos dos resultados teóricos e práticos (MINAYO, 2004, p.37).

Tomamos como cenário da pesquisa a sala de aula do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade de Pernambuco-UPE / *Campus* Garanhuns, cujos (as) participantes foram os (as) estudantes do oitavo período.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As análises dos participantes da pesquisa nos mostram duas abordagens de significantes. Uma delas diz respeito à formação para o exercício da docência, com 32%,

percebida pelas evocações: aprendizado, identificação, trajetória, experiência, conhecimento, interdisciplinaridade, sistema e, histórico. A outra abordagem se refere à formação profissional com fins de trabalho, tendo-se 68%, com as evocações: conteúdo, disciplina, estabilidade, dinheiro, capacidade, sacrifício, trabalho, qualificação, formação profissional, emprego e, oportunidade.

Da formação para o exercício da docência, observamos os seguintes posicionamentos:

Ter um aprendizado é muito importante para o futuro e a bagagem para lecionar nas escolas, pois se o currículo foi bem passado teremos um aprendizado concreto para podermos repassar para nossos alunos (P. 1).

Para se construir um bom currículo o estudante tem que dedicar muito do seu tempo aos estudos, para ir aperfeiçoando o seu currículo, essa trajetória é longa e cansativa, pois, são mais de 12 anos de uma academia para se ter um currículo razoável (P. 8).

A palavra qualificação é uma das maiores em que se busca no currículo, ter qualificação é basicamente traçar um perfil de uma pessoa que busca melhores rendimentos (P. 23).

Da formação profissional com fins de trabalho obtivemos os seguintes dados:

Formação dos conhecimentos necessários à consolidação de uma carreira (P.02)

Uma boa formação é o essencial pois para uma boa qualificação de um currículo de prestígio e de peso é muito importante, pois é o profissional que faz o currículo e uma vida profissional de sucesso (P.3).

Hoje em dia, é necessária uma boa formação para conseguir inserir-se no mercado de trabalho, no qual há uma grande concorrência para alguns cargos com boa remuneração (P.6).

A formação profissional é importante no âmbito curricular e isso é importante para a busca de emprego (P. 18).

No que se refere à formação profissional, percebemos que os partícipes da pesquisa atribuem valores concernentes à formação dos conhecimentos necessários à consolidação de uma carreira, e, que ter um aprendizado é muito importante para o futuro, para se ter uma bagagem para lecionar nas escolas.

O currículo bem vivenciado, materializado na sala de aula, possibilita termos um aprendizado que seja tecido em mudança de comportamento, como nos mostra a leitura freireana, quando trata de “ensinar não é transferir conhecimento”, mas sim ser vivido (FREIRE, 1994, p. 47).

Dessa forma, esse autor escreve:

É preciso insistir: este saber necessário ao professor – de que ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa ser aprendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica-, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 1994, p. 47).

Assim, reconhecem os estudantes que a formação se volta para oportunidade de emprego. E, nesse sentido, o conhecimento é o fator principal para se ter um bom currículo, já que ele influencia bastante na hora da seleção, além do que os estudantes ressaltam que uma boa formação é o essencial para uma boa qualificação de um currículo de prestígio e de peso. Afinal, é o profissional que faz o currículo e uma vida profissional de sucesso. Os discentes apontam ainda; que um bom emprego direciona para uma boa remuneração.

De acordo com Moreira (2002, p. 74) é “particularmente conveniente, nesta virada do século, o incremento de investigações que priorizem as ações que se passam nas escolas, visando a compreendê-las mais profundamente, bem como o estímulo ao diálogo entre os pesquisadores da universidade e da escola básica”.

No dizer de Freire (1994, p. 132) há necessidade de recorrermos ao pensamento de que “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. Assim, concordamos que: “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (FREIRE, 1994, p. 133).

Moreira (2002) discute sobre mudança na escola e que essa discussão deve ser :

[...] o diálogo com as escolas: ao invés de falarmos para, falarmos com elas. Tal postura certamente demanda o estabelecimento de novos tipos de relações entre a escola e a universidade. [...] minha sugestão caminha no sentido de que se teorize tendo por referência a escolarização e suas condições econômicas, políticas e culturais de existência (MOREIRA, 2002, p. 75).

Nessa linha de pensamento, o referido autor, recorre, à discussão de que é necessário e inadiável “a revisão dos conteúdos e dos métodos empregados no ensino de Currículo em nossas instituições de ensino superior” (MOREIRA, 2002, p. 75).

Assim, precisamos trazer momentos de discussão nos núcleos estruturantes dos cursos de licenciatura frente à demanda de transformações em que passa a educação na sociedade e estarmos atentos para as representações sociais sobre currículo que de acordo com Moreira

(2001), a discussão currículo só ganha atenção quando se propõe mudanças na matriz curricular para inovação do curso.

Diante do exposto, entendemos que currículo é o lugar de representação simbólica permeado por relações de poder de grupos sociais que nem sempre representam a realidade para quem está sendo produzido pois muitas vezes são feitos por imposição temporal, mas é também uma construção e representa um momento histórico de sua construção.

Quando os alunos descrevem o currículo como a sua vida pessoal é importante compreender as argumentações que os sustentam e as finalidades sociais que expressam esses entendimentos ao final da conclusão do curso. Essa representação de currículo para esses estudantes, demonstra que eles ao final do curso, não materializaram o papel social do currículo em seu curso.

Concordamos com Macedo *et al.* (2011) quando descreve sobre currículo pensado e realizado nos diversos graus de ensino. A universidade em seu campo de atuação e formação; trabalha com uma matriz curricular que muitas vezes não está articulada com a proposta da escola básica, ou seja, em uma sociedade epistêmica muito distanciada da realidade. Assim, temos :ambiente universitário *versus* Escola Básica, e isso congrega para uma desarticulação no processo de formação desse futuro professor.

Assim, pensar o currículo enquanto prática é pensar o currículo materializado em sala de aula. Para Macedo *et al.* (2011), o ensino não é renovado por decreto, mas sim, no concreto. O currículo deve ser pensado enquanto prática e enquanto texto. E ainda, “em currículo e em nossa prática pedagógica, nós e nossos alunos e alunas trazemos muitas marcas das tantas aulas que tivemos e dos sem-número de contatos que, com outras pessoas, vamos tendo pela vida” (MACEDO *et al.*, 2011, p. 21).

Uma prática curricular consistente somente pode ser encontrada no saber dos sujeitos praticantes do currículo Nessa perspectiva, emerge uma nova compreensão de currículo um processo pelo qual os praticantes do currículo ressignificam suas experiências a partir das redes de poderes, saberes, fazeres das quais participam (MACEDO *et al.*, 2011, p. 41).

Assim, mediante a observação do chão da escola é que os saberes vão se imbricando em uma prática pedagógica diferenciada daquela ensinada na Universidade onde os padrões se constituem e se materializam no pensar único do modelo tradicional de professor, sem a preocupação de que, na escola, existe outros saberes, olhares preocupações e inquietações do espaço escolar.

E, de acordo com Tura (2014,p. 138) “Há de se entender também a formação dos(as) professores(as) como um processo contínuo e múltiplo, que vai bem além daquilo que

demarca a diplomação disponibilizada no final de um curso”. Assim, entendemos que não há uma receita para ser professor e sim, ser professor frente à todas as ofertas de possibilidades da escola.

A mudança de grade curricular para matriz curricular, nos cursos de formação, não alterou em nada a representação do currículo no curso que se apresenta com o mesmo formato de ofertas de disciplinas. Assim, a totalidade de seu sentido não está simplesmente no que representa, mas no que não é compreendido pelos alunos

E ainda, no dizer de Tura (2014):

Cabe destaque, ainda, para as muitas transformações que acontecem atualmente na escola tendo em vista o tempo de aceleradas mudanças que vivemos e as novas lógicas de ordenação e controle do espaço social. Essas circunstâncias têm afetado de forma bastante contundente aquilo que se tem distinguido como formação docente (TURA,2014,p.127).

São novas hegemonias e têm a marca das competências e habilidades no processo educativo, no qual o aluno mais competente será um bom professor, mas nem sempre essa relação está associada, pois a prática pedagógica no cotidiano da escola requer bem mais do que o conhecimento específico. Ela é um conjunto indissociável do saber específico, pedagógico e humano. Tal como sugere Alves (2013) ao demonstrar a importância de uma discussão mais sólida de currículo, quando nos seus escritos registra: “por isso mesmo, faz-se urgente que comecemos a trabalhar com os currículos existentes e implantados, tão solidamente, nas universidades” (p. 44).

Assim, precisamos trazer momentos de discussão nos núcleos estruturantes dos cursos de licenciatura frente à demanda de transformações por que passa a educação na sociedade e estar atendo para as representações que se tem de currículo, especialmente voltado para a discussão sobre currículo no cotidiano das unidades de formação de professores que infelizmente só ganha atenção quando se propõe mudanças na matriz curricular para inovação do curso.

CONCLUSÕES

A pesquisa permitiu refletir sobre a importância de se trabalhar com currículo no campo e de mostrar as diferenças entre o currículo prescrito e o currículo praticado nas licenciaturas nos conduzindo para a vida social e nos aproximando das relações concretas com o objeto de estudo que é o currículo.

Percebemos também que o aprendizado pelo currículo deve ser vivenciado em sua convivência em sala de aula no processo de formação. Assim, se faz necessário sua integração com o universo das escolas que esse licenciando irá atuar, especialmente nas vivências no estágio curricular supervisionado.

Dessa forma, precisamos discutir a demanda de transformações em que passa a educação na sociedade e estarmos atentos para as mudanças que se estabelecem no seu contexto, numa via de mão dupla formação de futuros profissionais professores e o cotidiano do espaço da escola, e, que há uma pluralidade de caminhos na educação em transformação, na qual nenhum está nem pode ser subordinado ao outro .

Destacamos que a pesquisa é embrionária por entendermos que a tessitura do currículo ainda tem uma longa caminhada no processo educativo desse documento de identidade, mas nos fez refletir, enquanto professoras formadoras, sobre a necessidade de (re)pensar o processo de ensino aprendizagem dos(as) futuros(as) professores(as).

Por fim, reiteramos a necessidade de discussão desse tema no universo da academia e acreditamos que nossas reflexões somarão às outras pesquisas nessa área de estudo que, embora se debrucem sobre outras temáticas, têm as mesmas preocupações potencialmente relevantes para a discussão do currículo na escola básica e universidades.

REFERÊNCIAS

ABRIC, Jean Claude. Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes.; OLIVEIRA, Denise Cristina.(Orgs.). **Estudos interdisciplinares e representações sociais**. Goiânia :AB,1998.

ALVES, Nilda. Currículos e pesquisas com os cotidianos. In: FERRAÇO, C. E.; CARVALHO, J. M. (Orgs.). **Currículos, pesquisas, conhecimentos e produção de subjetividades**. Petrópolis, RJ: D&P; Vitória, ES: NUPEC/UFES, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

MACEDO, Elizabeth;OLIVEIRA,Inês Barbosa de;MANHÃES,Luis Carlos; ALVES Nilda(Org.).**Criar Currículo no cotidiano**.3ªed.São Paulo: Cortez,2011.(Coleção série cultura, memória e currículo,v.1).

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento em saúde: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC, 2004.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa. O currículo como política cultural e formação docente. In: SILVA, Tomaz Tadeu; MOREIRA, Flávio Antonio (Orgs). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos culturais**. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. O campo do currículo no Brasil: os anos noventa. In CANDAUÍ, Vera Maria (Org.). **Didática, currículo e saberes escolares**. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TURA, Maria de Lourdes. Escola, sujeitos e formação de professores. In: LOPES, Alice Casimiro ; ALBA, Alicia de. (Orgs.). **Diálogos curriculares entre Brasil e México**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014,p.125- 144.